

LINGUASAGEM

FORMALISMO, PRAGMATISMO E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS ACERCA DA LINGUAGEM

Ricardo Yamashita Santos (UFRN)

Marcos Antonio Costa (UFRN)

PREFÁCIO

A separação do que é interno à língua (estrutura) e do que é considerado em seu contexto de uso (discurso) mantém distinta uma teorização da outra, ocasionando debates sobre o que seria mais importante pesquisar dentro da Lingüística. É importante ressaltar que essas teorias já estão consagradas e em uso nas pesquisas. A proposta que aqui se segue tende a questionar se essa separação é realmente necessária e importante para uma melhor compreensão no processo de produção de linguagem. Devemos adotar uma corrente teórica em detrimento da outra ou será que uma junção nos permitiria um entendimento mais amplo acerca do fenômeno lingüístico? Eis o principal questionamento levantado aqui. Dessa forma, pretendemos destacar alguns pressupostos de diversas teorias, suas análises, pontos de vista, para assim, tentarmos chegar a uma compreensão mais geral sobre como proceder nos estudos lingüísticos contemporâneos, sem que, para isso, desconsideremos esses quase um século de pesquisas epistemológicas, como veremos a seguir.

FORMALISMO E PRAGMATISMO: DOIS CAMINHOS

Observando o que vem sendo feito nos estudos da linguagem, percebemos que, dentro do campo da Lingüística, existem diversas orientações epistemológicas que apontam para caminhos distintos. Desde a primeira edição de *Cours de linguistique générale* de Ferdinand Saussure (1916), a Lingüística se consolidou e conquistou seu espaço, ganhando status científico. A partir dessa alavanca propulsora, tivemos até então, quase um século de estudos

direcionados à linguagem produzida pelo ser humano. No momento atual, existem diversas correntes teóricas de destaque dentro da Lingüística, mas destacamos duas vertentes de maior prestígio, por assim denominar, uma privilegiando os aspectos internos da língua, sua estrutura formal, e outra privilegiando a produção de linguagem dentro de um meio social.

A dissociação formulada por Saussure no início do século XX entre *língua* e *fala* poderia, de certa forma, caracterizar esse viés teórico dentro dos estudos lingüísticos. De acordo com o autor, a língua se apresenta como um sistema gramatical que “existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 1995, p.21) não cabendo, portanto, ao indivíduo, a possibilidade de criá-la ou modificá-la. Já a fala, para Saussure, é um fenômeno individual e momentâneo, portanto heterogêneo, que revela uma carga de subjetividade que não importaria para os estudos da linguagem, uma vez que, para a “Lingüística propriamente dita”, o único objeto de estudo é a língua (SAUSSURE, *ibid.* p.28). A partir dessa bifurcação - que, de acordo com o lingüista genebrês, representa dois caminhos impossíveis de se trilhar ao mesmo tempo, devendo ser seguidos separadamente quando se procura estabelecer a teoria da linguagem - duas visões de língua(gem) foram explicitamente postas à mesa. Uma visão que prioriza a estrutura da língua, seus aspectos internos, formais, e outra visão que insere a língua no mundo, relacionando-a a exterioridade sócio-cultural.

Podemos concluir, portanto, que Saussure em momento algum afirmou que a linguagem se restringe à sua estrutura, ignorando suas características enunciativas, embora tenha priorizado o que, na linguagem, representa o aspecto contratual estabelecido entre os membros de uma comunidade, a língua propriamente dita.

As idéias formuladas por Chomsky (1957) apresentam características parecidas com os conceitos desenvolvidos por Saussure. De acordo com o gerativismo chomskyano, o problema central dos estudos lingüísticos deve ser a *competência*, ou seja, o conhecimento internalizado que o falante tem a respeito de sua língua, e não o *desempenho*, compreendido pelos gerativistas como sendo a maneira como cada falante expressa a competência. Torna-se possível, assim, estabelecermos uma relação entre os conceitos de língua e fala, em

Saussure, e, respectivamente, competência e desempenho, em Chomsky, salientando que, para os dois teóricos, a exterioridade lingüística (a fala saussureana e o desempenho chomskyano) tem valor secundário, periférico, deixando de ser foco dos estudos da linguagem. Essas teorias as quais explanamos até o momento priorizam a estrutura interna da língua como foco central de pesquisa, deixando à margem, o que Saussure denominou fala e Chomsky, desempenho.

Não obstante, surge na Europa, em 1926, uma corrente denominada Círculo Lingüístico de Praga. Esse movimento, inspirado em conceitos estruturalistas, avança os estudos, focados em idéias tais como a função estrutural de uma sentença, avaliada em um contexto real, o papel dos fonemas na distinção das palavras etc. Alguns dos principais nomes dessa corrente foram Roman Jakobson, Trubetzkoi, Martinet, dentre outros. Esses estudiosos deram grande contribuição para uma mudança paradigmática dos estudos da linguagem. Suas contribuições hoje são mais conhecidas dentro do campo da Fonologia e da Fonética. Trubetzkoi, lingüista russo e um dos maiores expoentes da corrente praguense, se baseou em Saussure ao analisar as oposições fonéticas da língua, e a diferenciação em som imaterial e material. Com essas observações, o lingüista aprofundou o estudo que levava em conta os sons que possuem função na língua, aspectos articulatórios, propriedades físicas dos sons que ocorrem na produção de linguagem, etc. Surgem assim os estudos funcionalistas da linguagem.

Dentre as muitas teses construídas e defendidas pelo Círculo Lingüístico, cabe aqui ressaltarmos uma de suas teorias, denominada “perspectivas funcionais das sentenças”. As sentenças eram agora não analisadas separadamente de um meio de uso, mas começavam-se os estudos avaliando a função do uso das sentenças no ato da comunicação, ou seja, a necessidade da comunicação seria o principal elemento gerador. Observando essas análises, podemos concluir que, para os estudiosos funcionalistas, as estruturas da língua não são mais definitivas, mas sim, variam de acordo com a necessidade e o modo de seu uso, sendo assim a estrutura totalmente dependente, tanto da semântica, quanto da pragmática.

Podemos dizer que o Círculo Lingüístico se tornou uma referência para a vertente funcional contemporânea, embora, inicialmente, os estudos estivessem

mais focados ao que poderíamos denominar como sendo um *estruturalismo funcional*. Nas pesquisas mais recentes existem diversas abordagens funcionalistas que levam em conta aspectos funcionais do uso de uma língua ou do uso da linguagem, todas, dentro de um contexto. A maior distinção na evolução dos estudos funcionalistas atuais comparados com os do Círculo Lingüístico de Praga se dá pelo fato de que, os estudos contemporâneos funcionalistas priorizam as funções de uso da língua ante sua estrutura, que estaria condicionada à flexibilidade do uso, e não a uma estatização formal.

No decorrer das pesquisas, observamos estudos mais aprofundados nos discursos, nos textos, nos contextos sociais etc. Todos eles indo além dos estudos formalistas da língua, analisada em si e por si mesma. As pesquisas começavam a levar em conta aspectos pragmáticos, sociais e culturais de uma língua; saíamos, então, da “clausura do sistema” e começávamos a contextualizá-la.

Diante da corrente formalista, Chomsky defende que a língua, por ser resultado de um órgão inato do ser humano, deve ser vista como um conjunto de orações que dispõem de hierarquias e são organizadas cognitivamente pela nossa competência (através do que ele denomina por Língua – I, ou seja, nosso conhecimento de língua internalizada, inata, em oposição à Língua – E, externa, que nos remete ao desempenho). As orações devem descrever-se em si mesmas, com total isenção do contexto situacional. A preocupação estaria, então, em descrever a estrutura dessas orações (fonemas, morfemas, lexemas, sintagmas) e suas posições sintáticas. “A busca de uma adequação explicativa requer que a estrutura da linguagem seja invariável” (Chomsky, 2000).

Em contrapartida, Jakobson (1969) relata seis funções para a linguagem quando analisadas por sua função social: a) contexto – função referencial; b) remetente – função emotiva; c) destinatário – função conativa; d) contato: função fática; e) código: função metalingüística; f) mensagem: função poética. Para Jakobson, essas seis funções se intercalam dependendo da necessidade do uso em cada situação, constituindo em cada contexto específico, uma ênfase maior para um determinado aspecto.

Pensar a língua somente sob o escopo formal, ou então, pensar a língua somente relacionada ao contexto de uso pode trazer um recorte nos estudos lingüísticos. Essa disputa, por assim dizer, por espaço, nos parece ser deveras

desnecessária para o estudo. De uma forma mais ampla, essas duas grandes concepções defendem posições distintas, não devendo haver, então, uma disputa por uma teoria que deva ser a correta. Todas, dentro do que se propõem a pesquisar, apresentam informações de grande importância para o estudo, dando um maior aprofundamento em dado aspecto.

Uma das maiores divergências entre as teorias recai exatamente no que denominamos “crenças da linguagem humana”. Os lingüistas formais tradicionalistas afirmam que a linguagem produzida pelo ser humano não é consequência da comunicação, mas a comunicação seria uma consequência da estrutura linguística. Em outras palavras, a afirmação dos formalistas recairia na tese de que o nosso modo de comunicação é uma experiência inesperada (subjetiva) e, portanto, não vital para o estudo. Já os funcionalistas, diferentemente, diriam que a linguagem se dá a partir das necessidades básicas de comunicação, que foi se aperfeiçoando, inclusive quanto a sua forma escrita.

Segundo Pires (2005), existem duas funções de uso da língua que são específicas; uma, quando se trata da comunicação e suas funções organizadoras da estrutura sintática, e outra, quando se trata da sua forma gramatical. Sendo assim, a frase “Menino o correu?” poderia ser avaliada em termos sintáticos e funcionais? Ao que tudo indica, não. Para os gerativistas (linhagem chomskyana), essa oração, por ser “agramatical”, se torna incompreensível. Isso confirmaria o pressuposto cognitivo relacionado ao inatismo. Nascermos com conhecimento internalizado de linguagem. Já para os funcionalistas, essa oração não poderia ocorrer, pois a base de pesquisa funcional é baseada no que já foi e é dito no meio situacional.

Temos, então, o questionamento de pano de fundo exposto, que pode aproximar as teorias, não como hibridização teórica, mas sim como complementação uma da outra. Se, ao analisarmos a oração acima, entendermos que existe uma compreensão inata de linguagem, que nascemos com a chamada Língua – I, mas o meio social transforma-a e adéqua aos contextos de uso, as necessidades e pressões, estaremos então, acreditando ao mesmo tempo no funcionalismo e no formalismo. Baseado nisso, podemos dizer que nascemos com determinados conceitos inatos de linguagem, mas também, que a língua(gem) sofre transformações, conforme o uso, o meio social.

CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS

A principal idéia que tivemos ao levantar as bases dessas duas grandes correntes teóricas e compará-las, de um modo geral, é a de suscitarmos um debate em cima do viés dos estudos da linguagem. Como a idéia principal é a de buscar a compreensão da linguagem humana, percebemos o quanto cada uma dessas teorias é importante, dentro do que se propõe a pesquisar. Portanto, considerando de um ponto de vista prático, poderíamos entender a evolução dos estudos da linguagem da seguinte forma:

Em um primeiro momento foi feito um recorte nos estudos, privilegiando a sua forma. Esse recorte consistia em analisar a língua em si mesma, fazendo uma análise da sua estrutura, considerando os elementos que integram uma oração. Em outro momento, começou-se a analisar o contexto de uso, a função social, comunicativa e como se realizava tal prática.

Essas e outras correntes teóricas abordam questões mais direcionadas ao que denominamos, respectivamente, de mentalismo – processamento de linguagem na mente - e pragmatismo – processamento de linguagem em seu uso. Quando estamos analisando a forma sintática da oração, por exemplo, estamos analisando a língua sob o escopo mental, de que forma nosso aparato cognitivo está compreendendo as orações sintáticas sem influência de um meio social, baseado em conceitos inatos de linguagem. Essa nomenclatura “mentalismo” pode gerar algumas divergências, mas procuremos entender mentalismo aqui como sendo o proposto na visão chomskyana tradicional. O mentalismo, portanto, estaria dentro dos estudos formalistas da língua, em oposição ao pragmatismo. Não obstante, quando analisamos a língua em seu meio de uso, em situações sócio-comunicativas, estamos fazendo a análise dentro do escopo pragmático.

Se entrarmos em um questionamento mais filosófico da linguagem, podemos nos indagar o quanto a língua revela, semanticamente, o que é real. Em outras palavras, a linguagem revela o mundo em seu significado real? A linguagem humana teria então, o poder de revelar o que é real no mundo? Tomemos um fragmento de um poema de João Cabral de Melo Neto intitulado *Morte e Vida Severina*: “E de onde que o estais trazendo, irmão das almas?... / Onde a caatinga é mais seca, irmão das almas / Onde uma terra que não dá nem planta brava” (2000, p. 47).

Ao analisarmos esse fragmento, que retrata a dura vida do sertanista nordestino, temos alguns elementos lingüísticos que pretendemos analisar. Por exemplo, quando falamos *terra*, sabemos da sua existência física, que se trata do chão de constituição arenosa, rochosa, mineral etc. Resumindo, trata-se de um conceito material que temos de algo no mundo. Mas, quando dizemos *seca*, temos uma existência física, material, ou estamos falando de um conceito abstrato? Desta forma, temos dois elementos bem distintos: o primeiro que possui um nome arbitrário e uma forma palpável e o segundo que possui um nome também arbitrário, mas possui um entendimento abstrato para tal nomenclatura. O fato de não chover em determinada região traz falta de alimentos, de água, dificuldades para o pessoal que reside nesse local subsistir, etc. Para explicar esse fenômeno, o denominamos convencionalmente como *seca*.

Essa simples indagação revela a potencialidade da língua e a potencialidade de nossa forma cognitiva de produzi-la. Ora, se tudo o que falamos “retrata” de alguma forma nossas crenças do mundo e nossas ações – “eu fui para a igreja”, “eu acredito em você”, “você viu aquela estrela cadente?”, temos que considerar todos esses aspectos que fazem parte da linguagem de uma determinada língua.

Voltando ao exemplo anterior “eu acredito em você”, podemos acrescentar “eu não acredito em você”. Desta forma, temos duas visões de crenças, sendo que nenhuma relata a realidade *a priori*. Como por exemplo, “Lampião é um banido” e “lampião é um herói”. Nestas duas orações temos perspectivas distintas de uma mesma referência. Portanto, entramos no mérito das construções referenciais do mundo e da mente, levando em conta conceitos de linguagem, cultura, interação do homem com seu meio e cognição. Começaremos a falar agora de outra teoria: a sociocognição.

Quando Kant disse não haver possibilidade de conhecermos a coisa em si, pois não conseguimos sair de nosso próprio ser para tal feito, levantou um questionamento interessante. Não se trata de compreender o mundo como ele é, mas sim de como compreendemos o mundo através de nossa experiência, de nosso contato com esse mundo. Em outras palavras, essa linguagem que proferimos não revela o mundo. Para a abordagem sociocognitiva, a linguagem revela os mecanismos que usamos para a compreensão deste mundo. Desta

forma, nossas crenças (Deus, sistema penitenciário, times de futebol, política, músicas, verdade, falsidade, dentre inúmeras outras) são construídas através de nossa vivência com o mundo, de nossas experiências comunicativas, reflexivas, de tudo o que depreendemos como “melhor” para nós. Assim temos uma concepção que se baseia em um Realismo Experiencialista.

Tomemos o seguinte exemplo: há alguns séculos atrás, o homem acreditava que os planetas do nosso Sistema Solar giravam em torno da terra. Depois de muitas pesquisas, descobriu-se que os planetas, na verdade, giram em torno do sol. O que mudou de lá para cá? O modo do universo se mover? Não. As crenças humanas. Isso vem a comprovar que acreditar em uma verdade *a priori* no mundo pode nos trazer alguns problemas. Argumentamos, portanto, que os processos de categorização, a partir dos quais atribuímos uma ordem para o mundo, resultam de um trabalho intersubjetivo que constrói versões públicas de mundo, como por exemplo, a polícia, representando a lei, e os bandidos, representando os fora-da-lei. Nem por isso, essas regras são definitivas e as opiniões primem por esse consenso. As crenças levam em conta sua experiência com o mundo, com uma cultura etc.

Para os racionalistas (Chomsky pode ser incluído), o mundo é compreendido dentro do nosso modo racional de pensarmos ele. Conseguimos nos comunicar sobre esse mundo através de nossa mente que observa e classifica, além de, para a teoria, compreendermos exatamente o mundo como ele é. Em outras palavras, os racionalistas acreditam que o pensamento lógico e racional que nasce conosco, guia nossa mente para conseguirmos entender o mundo em nossa volta, sem dele sofrer influências. Para os empiristas, o mundo é compreendido através de nossa experiência. Essa necessidade seria o principal guia para a vivência no mundo. E por fim, os realistas experiencialistas que consideram ambas concepções, cognitivas e sócio-discursivas, mas, também, consideram as questões físicas do ser humano, como um limitador da compreensão de mundo.

Em outras palavras, para os experiencialistas, compreenderíamos o mundo dentro de uma concepção humana, criada de acordo com crenças humanas que unificam o corpo e a mente para, fazendo essa interação, podermos viver em sociedade de uma forma parcialmente regular e parcialmente subjetiva, com leis consensuais, diretrizes, direitos e deveres, etc. e as crenças

peçoais, como já citadas acima. Juntando todos esses elementos, conseguiríamos ter uma sociocognição humana, que, neste caso, considera que a questão não é compreendermos o mundo como ele é, e sim compreendermos o mundo dentro de nossas concepções, dentro de nossas limitações físicas. Com isso, não teríamos uma verdade *a priori*, mas sim, construções de conhecimento que estariam sempre se reconstruindo através de nossas experiências com o mundo e de nossas crenças que formamos dele.

Para finalizarmos tomemos alguns exemplos práticos. Uma dessas vertentes teóricas, que se encontram em ampla expansão, propõe uma junção na linguagem que pronunciamos, com o nosso modo de compreensão do mundo. Nas orações “Não consigo tirar essa história da minha cabeça”, “Vou tentar expôr em palavras as operações que estão em minha mente agora”, percebemos nelas algo em comum. Ambas, se observarmos bem, tratam nossa mente como sendo um recipiente que armazena histórias, operações, idéias, etc. Assim, seguindo os passos de Lakoff e Johnson (2002), teríamos uma *metáfora conceptual*, ou seja, uma metáfora que associa um conceito, nesse caso, a mente como sendo um recipiente, para criarmos expressões que fazem uso desta metáfora. Nesse caso, a teoria cria uma associação de uso e cognição. Essa teoria funde a dicotomia mentalismo x pragmatismo, tornando-os unidos para o modo de criação e compreensão de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levamos em conta neste trabalho uma análise do que vem a ser a Lingüística sob várias óticas e correntes distintas. Nosso intuito aqui não é o de desmerecer nenhuma delas nem tampouco privilegiar alguma. Estamos observando que, ao longo dos tempos, a visão de linguagem humana e sua forma de produção tanto quanto de compreensão atingem concepções distintas, todas elas importantes e determinantes para a criação de outras teorias que, ao que tudo indica, se completam, como um estudo em que um dado pesquisado traz outro dado e, assim, sucessivamente. Esse entendimento se mostra importante quando passamos o estudo lingüístico para a sala de aula, pois o aluno deve entender todas as correntes lingüísticas sem que exista uma tendência do professor que venha influenciar o aluno a tomar dada teoria como a verdadeira, a correta, e relegar as demais.

Os estudos da estrutura da língua se mostram tão importantes quanto o estudo da língua em seu uso real. Devemos ter em mente que esses estudos não são definitivos. Muito mais pode ser proposto pela Lingüística. Portanto, desconsiderar uma dessas abordagens, segundo acreditamos, não trará uma melhor compreensão da língua caso se queira entender “língua” na concepção plena.

POSFÁCIO

Os estudos da linguagem seguem uma cronologia de micro para macro, ou seja, começamos dando ênfase à forma, à estrutura da língua e aos poucos fomos considerando o texto, o discurso, a comunicação, até chegarmos à língua como elemento socialmente construído. Essa transformação teórica se mostra deveras importante para a busca da compreensão da linguagem. Todos os processos, desde a gramática da língua até seu uso social, se mostraram importantes para chegarmos às transformações atuais. Obviamente, em determinados momentos, devemos fazer recortes no estudo, como já mencionam

Em algum momento deveremos estudar a evolução da língua através de um estudo diacrônico, sociolingüístico, e em outro momento deveremos estudar a estrutura através da sintaxe gerativa, bem como analisar o uso da língua em um texto. Todos esses estudos, bem como analisar o corpo e a mente de uma forma unívoca para a construção da linguagem, se mostram importantes dentro do que se propõem a estudar. Sendo assim, se analisarmos esses estudos como elementos que se interagem na formação da linguagem, teremos não uma grande teoria, mas teorias que se fundem para uma melhor compreensão dos estudos lingüísticos. Passar essa visão para análise em sala de aula, por exemplo, nos parece ser uma opção interessante.

REFERÊNCIAS

- CABRAL DE MELO NETO, J. (2000). **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CHOMSKY, N. (1957). **Synthetic Structures**. The Hague: Mouton.
- _____ (2000). **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antonio Sant’Anna. São Paulo: Unesp.
- CLARK, H.H (1996). **Using language**. Cambridge University Press.

- CESÁRIO, M.M; COSTA, M. A. & FURTADO DA CUNHA, M. A. (2003). Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, p. 29 – 55.
- CROFT, W. (1990). **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GARVIN, P. (1978). An Empiricist and Epistemology for Linguistics. *In*: PARADIS, M. **The Fourth LACUS Forum**. Columbia, SC: Hornebean Press.
- JAKOBSON, R. (1969). Lingüística e poética. *In*: **Lingüística e comunicação**. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- KOCH, I. G. V. & LIMA, M. L. C. (2004). Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.), **Introdução à Lingüística vol.3**, São Paulo: Cortez.
- LABOV, W. (1978). **Language in the inner city: Studies in the BLACK English vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. (2002). **Metáforas da Vida Cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Educ.
- MERQUIOR, J; G. **From Prague to Paris**. London, 1986.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (2004). Formalismos na Lingüística: Uma reflexão crítica. *In*: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.), **Introdução à Lingüística vol.3**, São Paulo: Cortez.
- SAUSSURE, F. de. (1970). **Curso de Lingüística Geral**. 2. ed. Tradução: Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix. (Título original, 1916).